



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### BEAUVOIR: O QUE APRENDEMOS COM ELA

Adriana Maria de Abreu Barbosa<sup>111</sup>  
(UESB)

Eu aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa do que em todos os livros dos historiadores e economistas da época (Friedrich Engels)

#### RESUMO

Análise de textos filosóficos e literários de Simone Beauvoir. Proposta de leitura intertextual da autora apontando as obras filosóficas e literárias como fontes importantes para delimitação de conceitos que fundamentam a discussão sobre consciência de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Simone de Beauvoir, feminismo, consciência de gênero

#### INTRODUÇÃO

##### A mulher independente

No estilo ensaístico, em *A mulher independente*, a autora aborda entre outros tópicos a importância da consciência de classe e da independência econômica como pilares para real emancipação feminina. Ou melhor, entende e

---

<sup>111</sup> Doutora em Semiologia (UFRJ), Professora Adjunta da UESB e Coordenadora do GETED (Grupo de Estudos em Teorias do Discurso).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

esclarece que nenhum sujeito pode ser verdadeiramente livre, numa sociedade capitalista, sem recursos próprios. Sendo assim, afirma que após toda luta feminista e mesmo após o direito ao voto a mulher permanece vassala pela forma como vê sua própria identidade e age em sua existência.

A mulher sustentada \_ esposa ou cortesã \_ não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto (...) ela continua adstrita sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. (BEAUVOIR, 2008 p. 47)

Grifo propositalmente no texto o paralelismo proposto pela autora no qual as palavras esposa ou cortesã são sinônimos para vassala, contrariando o senso comum nas culturas patriarcais em que se considera a subordinação da esposa mais honrosa e respeitável do que a da cortesã. Toda vez que releio esta passagem da obra de Beauvoir, imagino como, ainda no século XXI, este texto seria recebido com surpresa, por muitas mulheres que, sem consciência de gênero, acreditam no casamento como ascensão social/status e não admitiriam tal leitura na qual seriam equiparadas a cortesãs.

Uma das qualidades do texto é apresentar de forma objetiva, em 1949, como se dá a servidão voluntária das mulheres aos homens, discutindo o que seria retomado por Pierre Bourdieu em *Dominação masculina* quase cinquenta anos depois (1998). Separo então alguns trechos exemplares nos quais a autora explicita, apontando razões para a subordinação consentida.

Compreende-se também que a *midinette*, a empregada, a secretária não queiram renunciar às vantagens de um apoio masculino. Já que a existência de uma casta privilegiada, a que é permitido agregar-se apenas entregando o corpo, é para a jovem mulher uma tentação quase irresistível (BEAUVOIR, 2008 p. 49).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Sobre as diferenças de classes, Beauvoir reconhece que, apenas para uma minoria de mulheres, a profissão é de fato garantia de plena autonomia econômica e social, já que, dentre a maioria das que trabalham, ocorre ainda o que ela denomina dupla servidão de um ofício e de proteção masculina:

Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento, para a mulher “que é ajudada” é o auxílio masculino que se apresenta como inessencial; mas nem uma nem outra adquirem, com seu esforço, uma independência total (BEAUVOIR, 2008 p. 50).

A autora reconhece também a exigência social de que essa subordinação se manifeste na vida sexual das mulheres, já que a feminilidade “impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e modas.” E esses costumes pregam principalmente uma conduta sexual na qual ela deva seduzir e comportar-se como presa nos jogos sexuais. Nas palavras da autora “é preciso que se torne uma coisa passiva, uma promessa de submissão.” Sobre este tópico, uma simples análise da massiva propaganda de cervejas no Brasil exemplifica a atualidade do tema. Ou ainda, os programas de TV matinais endereçados às mulheres nos quais se ensina, grosso modo, a permanecer lindas, magras e jovens como produtos para o consumo masculino. Assim, reforça-se o conceito de uma existência centrada no outro, isto é uma identidade outrocentrada.

Beauvoir reivindica e justifica o direito ao prazer do sujeito autônomo e reconhece que, neste assunto, nem independentes nem vassalãs encontram situações privilegiadas, todas têm, segundo a autora, uma vida sexual frustrada, sendo que aquelas deixam isso mais evidente porque não escolheram a resignação e sim a luta.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Uma mulher que despende suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade\_ como o homem \_ não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes. Ora, há ainda meios em que essa liberdade não lhe é concretamente reconhecida; arrisca-se, usando-a, a comprometer sua reputação, sua carreira; no mínimo, exigem uma hipocrisia que lhe pesa. (BEAUVOIR, 2008 p. 50).

Conforme sabemos não apenas por suas teorias, mas também por sua biografia, Simone de Beauvoir denunciava o casamento e a monogamia como entraves civilizatórios para a experiência afetivo-sexual plena e desejável às mulheres libertas, por isso, seus textos sinalizam outras formas de relacionamento:

(...) a vida em comum de dois seres livres é para cada um deles um enriquecimento, e na ocupação de seu cônjuge cada qual encontra penhor de sua própria independência; a mulher que se basta liberta o marido da escravidão conjugal que era a garantia da sua. (BEAUVOIR, 2008 p. 67).

Por tudo isso, percebemos que a mulher independente teorizada por Beauvoir, ainda está em construção e causa para uns polêmica e para outros admiração, pelo menos é isso que notamos quando sugerimos sua leitura a jovens graduandas e pós-graduandas de diversos cursos.

Todos esses assuntos tematizados no texto ensaístico *A mulher independente*, estão de certo modo severamente criticados na ficção *A mulher desiludida*, dezoito anos após a publicação do primeiro volume do *Segundo Sexo*.

### **A mulher desiludida**



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

A novela contada em primeira pessoa por uma narradora protagonista se desenrola através da escrita de um diário pela personagem que se inicia em 13 de setembro e termina em 24 de março do ano subsequente. São seis meses de relato de agonia de uma mulher perdendo sua identidade e enfrentando forte depressão ao lidar com o caso extraconjugal de seu marido e através desta descoberta a consciência do declínio do casamento.

A história começa com Monique (a protagonista) admirando a arquitetura de um prédio e o modo de descrevê-la assemelha-se em muito a descoberta que fará de si mesma no final da novela. Diz sobre a construção:

Longamente contemplei a sóbria majestade desses edifícios construídos com fins utilitários e que nunca serviram para nada. São sólidos, são verdadeiros; todavia, o abandono transforma-os em um fantástico simulacro: pergunta-se de quê? (BEAUVOIR, 2010 p. 123).

E sobre ela mesma: “Não tinha outra ambição a não ser criar a felicidade à minha volta. Não fiz Maurice feliz. E minhas filhas não o são também. Então? Não sei mais nada. Não somente quem sou, mas como deveria ser”. (BEAUVOIR, 2010 p. 253).

Essa idéia de identidade outrocentrada amplamente teorizada pelo Feminismo da diferença da década de oitenta no Brasil, é sinalizada por Beauvoir como um dos muitos simulacros que pretendiam afastar a mulher dela mesma tendo em vista torná-la a mulher socialmente aceita e desejada. A mulher socialmente construída é vista como o outro do masculino ou ainda como o segundo sexo e, portanto vai procurar ver-se através dos olhos do(s) outro(s). E isso aparece em várias passagens do texto:

Eis uma das razões \_\_ a principal \_\_pela qual não tenho nenhuma vontade de fechar-me em uma profissão: não lidaria bem com o

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

fato de não ficar totalmente à disposição das pessoas que precisam de mim (BEAUVOIR, 2010 p.127).

Ele me bastou só vivi para ele. (BEAUVOIR, 2010 p.135).

Quando se viveu de tal maneira para os outros, é um pouco difícil começar a viver para si. (BEAUVOIR, 2010 p.145).

Eu me via tão tranquilamente em seus olhos. Eu só me via mesmo pelos seus olhos: uma imagem demasiado lisonjeira talvez, mas na qual, em conjunto, me reconhecia. Agora eu me pergunto o que ele vê?(BEAUVOIR, 2010 p.183).

Não sabemos o que ele ( marido) vê nela como ela (Monique) desejaria, mas Maurice( o marido) revela o que pensa da outra(a amante), ao defendê-la das acusações de frívola e ambiciosa ao afirmar que: “as mulheres que não fazem nada não suportam as que trabalham.” Desse modo, a ficção apresenta uma outra faceta possível para mulher daquela realidade histórica, e faz isso a partir da avaliação de um personagem masculino. A frase “as mulheres que não fazem nada” valoriza negativamente o trabalho doméstico e conseqüentemente a mulher que o escolhe em comparação “às mulheres que trabalham” que são valoradas positivamente.

O sexo conjugal também merece crítica na ficção de Beauvoir, diz a protagonista:

Meu corpo não tem mais trinta anos, nem o corpo de Maurice. Eles se encontram com prazer \_ a bem dizer, raramente \_mas sem ardor. (BEAUVOIR, 2010 p.140).

Não tínhamos feito amor desde Mougins, se é que pode se chamar aquilo fazer amor. (BEAUVOIR, 2010 p.165).

Nossa leitura propõe que a mulher desiludida em Beauvoir se desencanta com a promessa de felicidade conjugal proposta pela vida burguesa que previa para mulher o papel de rainha do lar e cuidadora da família. A obra revela os sinais de falência deste projeto com o aparecimento de outros papéis femininos, entre eles o da mulher liberta ou a caminho da libertação (as que trabalham). Isto é, a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

autora aponta na ficção o que já havia previsto anos atrás na filosofia: ninguém nasce mulher torna-se.

### **O papel da crítica feminista**

O desejo da crítica feminista era em Beauvoir (e se mantém até hoje) trazer a luz da consciência os papéis de gênero que podemos e não apenas os que devemos desempenhar, por isso lê-las, as autoras, é dar uma nova chance ao mundo de dizer como ele poderia ser quando visto, analisado e criticado por uma mulher.

Embora algumas correntes pós-modernistas considerem superada essa postura de dar voz aos que foram silenciados, por temer “quem reivindica alteridade”(SPIVAK, `1994)e com quais objetivos, nós outras não negamos a pessoalidade/subjetividade desses trabalhos e consideramos que incluir tais qualidades é um novo modo de fazer ciência e história.

Somos pessoais e políticas, por isso nosso trabalho de pesquisa tem marcas de interesse. Acreditamos que há atributos que nos unem como mulheres apesar das diferenças de classe, etnia e opções sexuais. Entretanto, o que nos une não é nada da ordem da essência feminina como algo naturalizado, ao contrário, algo construído pelas trajetórias e, portanto, trabalho da cultural. Mas, sobretudo, nos une o desejo de lutar pelo direito de existir de forma mais livre dos ditames culturais.

Nesse empenho de libertação (ainda que tardio), entendemos (e por isso discordamos de Butler) que exista um essencialismo estratégico, no qual os conceitos, embora dicotômicos e velhos, de homem X mulher; público X privado ainda são relevantes como categorias para repensar e intervir no mundo em que vivemos. Desse modo, o existencialismo feminista de Beauvoir quando desautoriza



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

tal binarismo, apesar de partir dele, ajuda-nos a desconstruir um modo de ver e estar no mundo que nos atrapalha de romper com as ruínas do patriarcalismo que permanecem em nosso cotidiano.

Ler Simone de Beauvoir na entrada do século XXI é ao mesmo tempo celebrar conquistas e rever impasses do feminismo como corrente de pensamento.

### REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. V. 1 e 2.
- BEAUVOIR, Simone. A mulher independente. Rio de Janeiro, Agir Editora, 2008.
- BEAUVOIR, Simone. A mulher desiludida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Dominação masculina. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.